

O CONGO E A ESTRELA: O CENTENÁRIO DA FESTA DO ROSÁRIO DE ESTRELA DO INDAIÁ-MG (1920-2020)

Gilberto César de Noronha¹

Resumo: O artigo aborda as tradições da Congada desde as comemorações do centenário da festa de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia de Estrela do Indaiá (1920-2020), no oeste de Minas Gerais. As narrativas estabelecidas sobre a festa do Rosário são analisadas considerando-se os aspectos mais amplos desta festividade em outras tantas congadas e reinados de Minas Gerais e do Brasil. Apoia-se em pesquisa bibliográfica e em fontes documentais diversas produzidas pela Paróquia de São Sebastião e pela Associação da Congada de Nossa Senhora do Rosário bem como em depoimentos orais coletadas pela Comissão do Centenário da Festa do Rosário de Estrela do Indaiá. Analisa-se a história desta festa popular de origem africana em suas intensas relações com a Igreja Católica. Neste sentido, a busca da compreensão da história e da memória desta centenária festa pressupõe interrogar as tradições populares e a historiografia local, engajadas em desvendar como a festa do Rosário de Estrela do Indaiá teria surgido e em que condições a congada completa seu centenário.

Palavras-chave: Congada; Festa do Rosário; Religiosidade popular; Narrativas; Tradição.

THE CONGO AND THE STAR: THE CENTENARY OF THE FEAST OF THE ROSARY IN ESTRELA DO INDAIÁ-MG (1920-2020)

Abstract: This paper examines the traditions of the Congada from the celebrations of the centenary of the feast of Our Lady of the Rosary, Saint Benedict and Saint Ephigenia (1920-2020), from Estrela do Indaiá, Minas Gerais. The narratives established on the feast of the Rosary are analyzed considering the broader aspects of this feast in other Congadas and Reinados of Minas Gerais and Brazil. It is based on bibliographic research and various documentary sources produced by the Parish of São Sebastião and the Association of the Congregation of Our Lady of the Rosary as well as on oral testimonies collected by the Commission of the Centennial of the Feast of the Rosary of Estrela do Indaiá. The article discusses the history of this popular festival of African origin in its intense relations with the Catholic Church. In this sense, the search for an understanding of the history and memory of this centennial celebration presupposes interrogating how popular traditions and local historiography, engaged in unraveling how the festival of the Rosário de Estrela do Indaiá would have appeared and under what conditions the congada completes its centenary.

Keywords: Congada; Feast of the Rosary; Popular Religiosity; Narratives; Tradition.

EL CONGO Y LA ESTRELLA: EL CENTENARIO DE LA FIESTA DEL ROSARIO DE LA ESTRELLA DO INDAIÁ-MG (1920-2020)

Resumen: Este artículo examina las tradiciones de la Congada desde las celebraciones del centenario de la fiesta de Nuestra Señora del Rosario, San Benito y Santa Ephigenia de Estrela do Indaiá (1920-2020), Minas Gerais. Las narraciones establecidas en la fiesta del Rosario se analizan considerando los aspectos más amplios de esta fiesta en otras congadas y reinados de Minas Gerais y Brasil. Está respaldado por investigaciones bibliográficas y varias fuentes documentales producidas por la Parroquia de São Sebastião y por la Asociación Congada de Nossa Senhora do Rosário así como en los testimonios orales recogidos por la Comisión del Centenario de la Fiesta del Rosario de Estrela do Indaiá. El artículo discute la historia de esta fiesta popular de origen africano en sus intensas relaciones con la Iglesia Católica. En este sentido, la búsqueda de la comprensión de la historia y la memoria de esta celebración centenaria presupone interrogar cómo las tradiciones populares y la historiografía local, comprometidas en desentrañar cómo habría surgido la fiesta del Rosário de Estrela do Indaiá y en qué condiciones la congada cumple su centenario.

Palabras clave: Congada; Fiesta del Rosario; Religiosidad popular; Narraciones; Tradición.

Acontece todos os anos, em milhares de cidades, nos milhares de interiores dessa *terra brasilis*. São as congadas (...). Em palcos públicos apresentam Beneditos e Antônios, Joões e Josés, mostram Marias, Ifigênia e Rosárias como nunca são vistos, belos e alegres, misteriosos e altivos, densos de história extraordinária. (...) Seus batuques, danças e cantos invadem portas e janelas, tomam as casas, as ruas e as igrejas, subvertem a paisagem cotidiana, tediosa (...), oferecem a vida conquistada desde as senzalas de ontem e as periferias pobres de hoje. (ALEM, 2000).

¹ Doutor em História Social com estágio na *École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS*. Professor Associado do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, atuando em seus cursos de graduação e pós-graduação (Mestrado em História, Cultura e Poder – PPGHI-UFU e Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória-UFU). Dentre suas publicações mais relevantes destacam-se *Joaquina do Pompéu: Tramas de memórias e histórias nos sertões do São Francisco* (Edufu, 2007), *Da forma à ação Inclusiva: Curso de formação de professores para atuar em Salas de Recursos Multifuncionais* (Paco Editorial, 2016). Co-organizador da coletânea *Imaginários, Poderes e Saberes: História Medieval e Moderna em Debate* (Paco Editorial, 2018) e *O golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil* (Paco Editorial, 2019). Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política (NEPHISPO/Inhis /UFU). E-mail: noronha.gilberto@bol.com.br

O dinamismo cultural da Festa do Rosário de Estrela do Indaiá é algo extraordinário. Ela se desdobra em uma série de “braços” e eventos: turismo, festas, forrós, culinária, danças típicas, folclore, religiosidade popular, catolicismo, fé e etc. Pode-se ousar dizer que nesta festa acontece uma verdadeira e intensa epifania cultural; onde diversos aspectos socioculturais que normalmente são incompatíveis, se apresentam harmoniosos nas ruas e praças da cidade que se tornam um grande palco a céu aberto. (Estatuto da Associação da Congada de Estrela do Indaiá (anexo), 2017, p. 11)

Introdução: um bom lugar para discutir os começos

A tradição oral e a memória coletiva rememoram que a primeira edição da Festa de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia que acontece todo mês de agosto em Estrela do Indaiá-MG tenha se iniciado no ano de 1920. À época, este acolhedor núcleo urbano do centro-oeste de Minas Gerais – situado numa “aprazível colina nas proximidades do Morro do Palhano” (CARVALHO, 1973, p. 17), entre a Serra da Saudade, Santa Rosa da Serra, Luz e Dores do Indaiá – ainda o recém-criado “Distrito de Estrela”, pertencente ao município e à paróquia de Dores do Indaiá-MG.

Pouco se sabe sobre o começo e das condições históricas do surgimento festa. Não há outros registros para além das fontes da memória dos descendentes dos primeiros levantadores dos ternos do Moçambique e do Congo Catupé. Lembranças imprecisas do ponto de vista cronológico e factual, como de resto são todas as legítimas memórias que atualizam sensibilidades e justapõem temporalidades sem se renderem à lógica do trabalho do historiador, assentada na datação e na periodização (que institui uma ruptura epistemológica entre o presente e o passado). A memória, pelo contrário, justapõe temporalidades, atualiza.

Normalmente, os historiadores profissionais têm relutado em se lançarem nesta busca dos começos. Não apenas porque se sentem inseguros no diálogo com as fontes da memória, mas porque a empreitada não raro nos desloca do campo da história para o do mito tão familiar às linguagens da memória. Entretanto, desde o início do contato com a comunidade de Estrela do Indaiá, majoritariamente envolvida com a festa do Congado e mobilizada para as comemorações do centenário, ficou claro que esta questão era incontornável tendo em vista o esforço que os participantes da festa desprendiam para compreender como ela teve início. Ao revisitar a história da busca pelos começos foi possível compreender o esforço desta comunidade em (re)estabelecer suas ligações culturais e simbólicas com outras festas congadas da região o oeste de Minas Gerais e do Brasil, rediscutindo e (re)inventando suas raízes luso-afro-brasileiras. Assim, *a busca do começo* já tem a sua própria história: vem desde, pelo menos, a elaboração do primeiro estatuto da Associação da Congada de Estrela do Indaiá, em 1987, que em seu Artigo 1º já fazia referência aos pais fundadores da festa, em “tempos remotos”, reverenciando, por exemplo, a “memória de José Antônio Pereira (José Grilo), Hilarindo Felisberto da Cruz (Larindo) e José Pedro de Faria” (ESTATUTO, 1987. Art. 1º).

Vinte e um anos depois, em 2008, na ocasião em que foi publicada a primeira obra dedicada especificamente a registrar a história e (re)significar a memória da festa (SOUSA, 2008)², rememorava-se os dois Pedros pioneiros: Pedro Januário identificado como tendo sido o primeiro capitão-mor da festa de Estrela e Pedro Folosino (Pedro Chico?) como o primeiro capitão do Catupé, além de José Antônio Pereira reconhecido na comunidade como o capitão precursor do terno Moçambique (SOUSA, 2008, p.3).

Em 2011, a busca dos começos se deu em função da mobilização dos congadeiros para colaborar com a primeira pesquisa acadêmica sobre a festa, desenvolvida por Larissa Moura (2012)³ e que se tornou o principal estudo de referência sobre o tema. Esta obra ampliou a discussão sobre o começo da festa abordando as experiências religiosas sincréticas coloniais até suas ligações simbólicas com as culturas africanas. A pesquisadora se deparou com registros orais de outras versões sobre o surgimento da festa. Seus entrevistados evocaram lembranças de outros pais fundadores como Joaquim Simão, Tibúrcio e José Horácio da Silva (Zé da Juventina), por exemplo.

² Obra concebida e coordenada pelo Padre Wagner Assis de Sousa que esteve à frente da administração da paróquia de São Sebastião entre 2005 e 2013, quando procurou fortalecer sua participação na organização e regulação da festa, junto à Associação do Congado. A publicação fazia parte das ações previstas em um projeto mais amplo intitulado “A HISTÓRIA da nossa história: Proposta de narração da história da congada”, desenvolvido em 2008, que tinha como objetivo geral “retomar alguns costumes da tradição”. O objetivo específico primeira proposta de narração da história da Congada em Estrela do Indaiá era “ajudar cada congadeiro a re-conhecer sua história e a história da nossa congada”. Realizado em mutirão, era um trabalho, ao mesmo tempo de escrita da história e de [re]construção da memória coletiva que transcreveu em livro as histórias contadas pelos congadeiros em especial pelos mais velhos e experientes. (Cf. SOUSA, [2008], p.2).

³ O objetivo da autora era especificamente “analisar a participação dos jovens nos rituais de congado, a fim de perceber a relação destes com os velhos capitães congadeiros, a partir da incorporação ou não de novos elementos ritualísticos nessa manifestação em Estrela do Indaiá/MG”. (Cf. MOURA, 2012, p.2)

A discussão sobre os começos ganhou novo fôlego na comunidade em 2018, ao longo do processo que levou Estrela do Indaiá a reconhecer a festa da congada como patrimônio cultural e religioso do município, herança legítima dos estrelenses. Entretanto, foi quando os congadeiros se uniram para comemorar (lembrar junto) o centenário desta festa tradicional considerada a mais concorrida da cidade, preparando uma extensa e animada programação, digna de sua grandeza e importância que estas inquietações sobre os começos alcançaram seu ápice.

Foi neste ambiente que se instituiu a Comissão do Centenário da Festa de Nossa Senhora do Rosário, formada por membros da Associação da Congada de Estrela do Indaiá e da comunidade católica da Paróquia de São Sebastião, ligada à Diocese de Luz-MG. Seu objetivo foi mobilizar a comunidade para lembrar junto destes cem anos de Festa do Rosário. O trabalho da comissão reuniu um farto acervo documental: fontes bibliográficas e documentais (livros de Tombo da Paróquia e os livros de atas estatutos da Associação da Congada de Nossa Senhora do Rosário da Paróquia de São Sebastião, de Estrela do Indaiá), depoimentos orais, acervo iconográfico e outras fontes diversas coletadas entre agosto de 2019 e março de 2020. Neste texto, tomamos aqueles registros como fontes para abordar a festa do Rosário de Estrela do Indaiá considerando-se não apenas o olhar da Comissão que produziu o acervo, mas o espectro mais amplo de perspectivas sobre esta festa.

Dentre os diversos aspectos passíveis de análise desta festa centenária relacionados à história, aos usos do passado e à gestão da memória e do patrimônio, para o espaço curto deste artigo, discutiremos três pontos considerados relevantes para a comunidade congadeira de Estrela do Indaiá: Como teria se iniciado a tradição do congado, como esta tradição se desenvolveu em Estrela do Indaiá e como se estabeleceram as relações entre a Congada e a Igreja Católica nesta localidade.

Entre a África e a Península Ibérica: uma festa brasileira?

Os congos ou congadas são encenações populares de origem africana que dramatizam o colonialismo português e a conversão à fé cristã dos reinos do Congo e de Angola. Sua simbologia nos remete a uma África mítica e poderosa com comitivas ou procissões, embaixadas e danças guerreiras comuns a sudaneses e bantos (WEHLING, e WEHLING, 1994, p. 256).

Na verdade, as festas de congado como a que acontece em Estrela do Indaiá todos os anos, são eventos brasileiríssimos que ritualizam o encontro de culturas africanas e ibérica. Suas práticas incorporam elementos dessas culturas em uma nova formação, na qual os símbolos ganharam sentidos também novos (SOUZA, 2002, p. 18-9). Historicamente, sua origem está vinculada à instituição de um catolicismo africano resultado de misturas, hibridismos e reinterpretções da religião católica, de seus sacramentos, seus santos, liturgias e, em especial da adesão ao culto do Rosário, adotado pelo governo do Congo no século XVII, ou em suas expressões no Brasil, como as congadas (CORREIA, 2013, p.26).

Embora os cantos, os discursos, as memórias e os sentimentos dos congadeiros façam referência aos festejos como uma comemoração da libertação dos escravos pela Princesa Isabel pondo fim ao “tempo do cativo” em 13 de maio de 1888, os rituais da festa remontam acontecimentos bem mais antigos. As embaixadas, as procissões, os desfiles, as danças guerreiras, a encenação de combates (como a cavallhada), as roupas coloridas, os banquetes oferecidos pelos reis e rainhas e, sobretudo, a passagem de coroas, lembram a dinâmica de uma corte e seus vassallos que atualizam experiências históricas, políticas e culturais vivenciadas ainda na África, bem antes do cativo colonial brasileiro.

A coroação do rei e da rainha perpétua (em outros lugares rainha conga ou ainda rainha Ginga, numa referência à rainha angolana Njinga Nbandi), remonta ao processo histórico de constituição e auge dos reinos bantos na África subsaariana que nos fariam recuar no tempo até pelo menos os séculos XV e XVI. Nesse período, intensificava-se a unificação de várias comunidades desta região da África cujos líderes tradicionais passaram a reverenciar o mesmo chefe político e religioso. Esta unificação tinha como base ideológica o cristianismo e o culto ao Rosário de Maria facilmente adaptado a uma sociedade que tinha o poder materno como elemento estruturador da organização política. Ou seja, um sistema baseado na *matrilinearidade* pela qual a transmissão dos poderes “mágicos” e da propriedade do próprio “poder” era feita por casamento com a mulher da linhagem que o detinha (MANDALA, 2020).

É significativo que na festa do Rosário de Estrela do Indaiá, tão distante no tempo e no espaço da África do século XV – para além do fato de que sua principal figura de devoção seja uma mãe, Maria – persiste a transmissão dita tradicional pela linhagem materna. Na evocação do direito e da legitimidade de ser capitão-mor, por exemplo, muito se discute se a função deveria ser passada “de pai para filho”, mas é a matrilinearidade que tem prevalecido nas sucessões. Entre o primeiro capitão que teria vindo de fora para “levantar” a festa em Estrela do Indaiá e o atual capitão mor foram seis (ou sete) transmissões de poder que envolveram a ligação que tinham com a festa as suas mães, mulheres, filhas, noras ou cunhadas. A conta é imprecisa em razão da

dificuldade de identificar quem teria sido realmente o primeiro capitão mor. Se Pedro Januário, vindo de Dorés do Indaiá, já em 1920, logo na primeira edição da festa (hipótese defendida por SOUSA, 2008, p.3) ou José Pedro de Faria como defendem seus descendentes (cf. SILVA, 2018, p.21). Ou ainda, o amigo de Pedro Januário, José Antônio Pereira, conhecido como José Grilo. Mas o fato é que a matrilinearidade é que prevaleceu na transmissão desta função.

Após o falecimento de José Grilo, o cargo de capitão mor não foi passado para seus dois filhos homens, mas para seu genro José Martins Filho (José Mangarito), casado com Noêmia Pereira de Jesus. Seu filho Lucimar Martins Pereira, em depoimento oral, relembra que Noêmia “sabia muito mais da festa do que meu pai”, mas ela “preferiu que fosse o esposo” a exercer a função (PEREIRA, 2020). Ou seja, a função de Capitão-mor é efetivamente exercida por homens, mas o poder que o sustenta emana da linhagem materna, tal qual a organização predominante nas comunidades africanas tradicionais.

Do mesmo modo aconteceu quando Jair José de Oliveira assumiu a função de Capitão mor, em 1970. Como relembra em depoimento oral, sua filha Joana D’Arc, ele “só entrou nessa festa do Rosário, não por ser descendente da família, mas porque ele casou com a minha mãe” que era filha de Mangarito e de Noêmia Pereira de Jesus. “A minha mãe é que veio dessa família da festa do Rosário, congada africana, do meu bisavô, meu tataravô, que eram escravos. Vieram da África pra cá” (SILVA, 2020). Poderíamos ainda evocar o parentesco de Fernando Eustáquio da Silveira (que foi capitão mor de 1991 a 2007) que seria casado com uma prima de Jair José de Oliveira. Ou ainda, o atual capitão-mor Luiz Gonzaga de Oliveira, filho de Jair José de Oliveira que tem a legitimidade de seu cargo justificada com veemência pela sua irmã que reivindica sua condição de herdeiro legítimo daquela linhagem materna⁴. Enfim, os laços de parentesco que legitimam a transmissão do poder na tradição da festa do Rosário de Estrela do Indaiá se dão como ocorriam as transmissões de poder do Congo e de Angola: pela *matrilinearidade*.

Diante desta constatação poderíamos concluir então que a festa do Congado de Estrela do Indaiá teria origens puramente africanas? Acreditamos que não. Nem mesmo os reinos do Congo e de Angola de onde vieram estes costumes poderiam ser considerados de cultura puramente africana, seja pelo problema da generalização aqui envolvida, seja pelo pressuposto equivocado de que vivessem isolados. Já tinham uma cultura em transformação com a presença de colonizadores europeus e com a atuação da Igreja Católica. O fortalecimento e a unificação de seu poder político estavam relacionados à conversão dos chefes tradicionais ao catolicismo. Aos olhos de outras comunidades, a aliança com o deus cristão pelo batismo, esta nova divindade considerada mais poderosa, faria o chefe convertido também um líder superior. Portanto, não é uma África originária, pura, que os rituais da congada dramatizam, mas uma África já convertida ao catolicismo. Inicialmente, pelos dominicanos vindos com a colonização portuguesa no século XV e depois, de forma mais intensa, com a chegada dos frades capuchinhos vindos da Itália, já no século XVII.

O batismo cristão foi a base ideológica da grandeza do reino do Congo liderado por D. Afonso I, o Grande. Reconhecido como rei (um título, a propósito, aprendido com os europeus) exerceu seu poder sobre diversas comunidades tradicionais. Convertido ao cristianismo, em 1492, por missionários portugueses, D. Afonso I foi considerado verdadeiro apóstolo de Cristo, reconhecido por viajantes e missionários europeus por sua extraordinária devoção religiosa. Difundiu o cristianismo no Congo, edificou numerosas igrejas na sua capital, Mbali, depois rebatizada de São Salvador, com o auxílio de pedreiros e carpinteiros enviados pelo rei de Portugal, D. Manuel (CAMACHO, 2019).

Assim, os rituais da congada pressupõem o encontro cultural festivo voltado para o templo religioso católico pois comemora uma aliança militar, política e religiosa. Os líderes de cada grupo, representados hoje pelos capitães dos ternos ou cortes, vinham de diferentes lugares em comitivas para prestar homenagens à nova liderança temporal e espiritual batizada, trazendo para as portas da Igreja suas armas, seus estandartes de influência europeia, bordados com brasões e símbolos, seus batuques com ritmos e danças características, para fazer a corte e firmar um acordo. Mas quem seria o fiador desta aliança fundadora de uma nova comunidade política liderada por um rei africano convertido ao catolicismo? A própria Igreja Católica, através de seus sacerdotes que não apenas teriam levado ao rei o conhecimento de um deus, considerado entidade “superior” aos ancestrais até então cultuados, como também a liturgia pela qual se firmou esta verdadeira aliança política.

Este papel de instância legitimadora que a Igreja exerce sobre esta aliança política africana, encenada todos os anos nas festas do Rosário, é que nos ajuda a compreender porque os congadeiros de Estrela do Indaiá e de outros tantos lugares de Minas Gerais e do Brasil onde a festa acontece insistiram em direcionar suas procissões e rituais para o templo católico, mesmo quando os sacerdotes os recebiam mal, impediam sua

⁴ “A festa (...) veio de geração, passando de pai pra filho, de pai pra filho... na verdade essa herança, essa cultura, essa raiz que vem é materna. É da mãe, embora eles pensem que seja do pai”. (...) Essa hierarquia vem da minha mãe, da minha avó. (...) Era a minha avó e os irmãos. Eles eram negros, filhos de negros, minha avó filha de negros, meu avô era filho de negro com índio e baiano”. (SILVA apud. REGISTRO, 2018, p.21).

entrada, condenavam seus rituais, no período em que a Igreja Católica romanizada combateu esta festa popular. Os congadeiros faziam questão de ir até à Igreja porque o batismo é o elemento fundacional do poder do rei a ser coroado e o padre, com sua bênção, é uma espécie de fiador da aliança entre as diversas cortes que se renova todos os anos.

É verdade que nos reinos da África esta unificação não foi de todo consensual e encerrou lutas fratricidas e resistências que também são encenadas durante a festa. A unificação forjou-se também sob a esteira do conflito que é parte fundante de todo acordo político em que estão envolvidas as disputas pelo poder. Foram muitas as lutas sucessórias pelo trono do reino do Congo e muitas as interferências religiosas, políticas e econômicas dos colonizadores portugueses e holandeses.

Os primeiros registros das congadas no Brasil remontam ao século XVII, trazidas por africanos vindos em condição de escravizados. Aqui, além daqueles conflitos vividos na África passaram a encenar também outras experiências dramáticas do cativeiro no Brasil. As festas eram geralmente organizadas por cativos, libertos e livres organizados em “irmandades de pretos e pardos” – instituições leigas católicas de africanos e afrodescendentes que firmavam compromissos em torno de diversos santos padroeiros, dentre eles São Benedito, Santa Efigênia, Santo Antônio e, notadamente, nossa Senhora do Rosário – que parece ter sido a mais difundida no Brasil (SIMÃO, 2010, p.9). As congadas aceitavam a perpetuação do regime real para os negros brasileiros, modificando-o e incorporando-o ao culto de Nossa Senhora do Rosário⁵.

Em sua simbologia, a congada incorpora inclusive as desigualdades e rivalidades vividas pelas diversas comunidades na África. As primeiras encenações pelos Bantos, no Brasil, não eram bem vistas por africanos de outras étnicas como nagôs e daometanos (advindos do reino de Daomé, atual Benin). “Posteriormente, a dramatização da congada colocou em disputa os congos contra angolas, [e] estes contra moçambiques” e em Minas Gerais, “os moçambiques eram considerados igualmente como ‘a plebe dos congos’” (BASTIDE, 1989, p. 173). Não é por acaso que, em Estrela do Indaiá, os diversos ternos congos (de linhagem e modernos) apresentam-se pomposos, exuberantes em sua vestimenta colorida, danças alegres, rememorando cortes ricas e poderosas que se portam com altivez, em atitude semelhante àquela das embaixadas do Rei do Congo que visitaram Maurício de Nassau no Recife holandês de 1647 com suas danças originais, saltos, floreios de espada, o “cintilar dos olhos simulando ira contra o inimigo, exibidas com alegria” (CASCUDO, 2001, p.26). A exceção é o Moçambique – a despeito da importância que tem para a festa, considerado o guardião da tradição do congado (BRASILEIRO, 2012, p.12), “é o corte fundamental da festa do Reinado” (Ata da Associação, n. 9. Livro 2, 17 de jun. 1990), sem o qual não tem festa do Rosário, pois “ele comanda os outros ternos” (Art. 18, §6 do Estatuto da Associação, 09 de agosto de 1987). Na festa do Rosário de Estrela do Indaiá, é ele quem carrega Nossa Senhora do Rosário, busca os festeiros, sustenta as cortes, mas suas vestimentas são sóbrias, com cores suaves, os gestos contidos, os sons comedidos, seus instrumentos são simples. “A farda utilizada pelo terno é branca” numa referência “às vestimentas dos negros da senzala”. As gungas (ou chocalho) trazidas amarradas às pernas lembram os dispositivos da escravidão. “Os dançantes do Moçambique representam os escravos, os quais eram maltratados e subordinados pelos senhores de classe alta, mas que nos ensinaram uma história de luta e superação” (SILVA, 2020, p.2). Representam o povo, a plebe, que carrega a santa, que retém os segredos da *nação*, um termo, a propósito, gestado no seio da sociedade escravista brasileira e que não correspondia necessariamente aos seus grupos étnicos (SIMÃO, 2010, p.21).

As congadas da América portuguesa constituíam o ápice do trabalho das irmandades (SIMÃO, 2010, p.14), assim como a realização da Festa do Rosário é o principal fundamento da Associação da Congada de Estrela do Indaiá, atualmente. Um trabalho coletivo que reunia esforços de diferentes grupos étnicos, por vezes rivais e com diferenças instituídas ainda em África, em um único objetivo: realizar a festa em louvor ao santo padroeiro de sua irmandade. Eram atividades lúdicas, populares, e como hoje, animadas com danças e cantos executados nas ruas, regadas a comida e bebida, alegria e espírito de comunhão com “inversão temporária de hierarquias e libertação de comportamentos proibidos” (SOUZA, 2002, p. 190). Muitas vezes estas festas provocavam nas autoridades eclesiásticas e civis o temor do “descontrole generalizado da ordem”. Por isto, tais autoridades buscavam “estabelecer rígidos limites e redobrar a fiscalização à ameaça de destabilização que a festa poderia evocar” tornando a congada, alvo de maior atenção e regulação (SOUZA, 2002, p. 190).

Tais encenações de uma remota aliança política, cultural e religiosa acontecida em África, reencenadas em diversos contextos do Brasil colonial, constituem hoje verdadeiras expressões da religiosidade e devoção

⁵ Maristela dos Santos Simão observa que “ainda que continuasse sendo invocada por brancos, nos séculos XVII e XVIII em África a devoção do Rosário parece se caracterizar como uma prática mais comum entre os africanos (...). A devoção ao Rosário em Luanda, (...) esteve associada especialmente aos negros cativos e forros. (...) uma devoção reservada aos africanos inseridos na experiência da escravidão, seja na condição de cativos ou de libertos (...) vinculada às marcas “conversão-cativeiro”. [A] devoção do Rosário, entretanto, não foi exclusiva dos africanos. Os capuchinhos que passaram do Congo para Angola em 1649 construíram um hospício em Luanda, anexo à ermida de Santo Antônio. Na igreja deste convento foi ereta uma Irmandade do Rosário dos brancos, que fazia questão de marcar um distanciamento em relação à irmandade dos africanos”. (SIMÃO, 2010, p.36)

popular da cultura brasileira como atos legítimos de memória e de resistência que incorporam as lembranças traumáticas da escravização e da exclusão social. Desde o Brasil colonial escravocrata, as coroações dos reis congos foram “permitidas”, embora não efetivamente aceitas e compreendidas pelos senhores brancos. Hoje, no entanto, tais manifestações culturais têm ultrapassado o corte étnico, embora não o elimine, tendo sido alçadas a herança legítima de diversos municípios brasileiros, registradas como patrimônio cultural imaterial.

Em suma, a coroação dos reis rememora a cada ano, nos mais diversos lugares do Brasil, o mito fundador de uma comunidade católica negra na qual a África ancestral é invocada em sua versão cristianizada, representada pelo reino do Congo de finais do século XV. A celebração é produto e atualização brasileiríssima do encontro de culturas africanas e da cultura ibérica (SOUZA, 2002, p.18). Por esta razão é que estudiosos como Glaura Lucas (2002) têm defendido que a congada deve ser considerada uma celebração afro-luso-brasileira: Portugal forneceu a devoção a N. Sra. do Rosário, e os povos africanos, especialmente os da cultura bantu (Angola e Congo), radicados no Brasil devido à escravidão, deram forma à festa, com base em pilares culturais desenvolvidos na África e na própria experiência da escravidão, nas lutas e resistências ao cativo.

Assim, as práticas culturais, os símbolos, ritos, gestos, cantos e celebrações da festa do Rosário que encontramos viva na cultura religiosa de Estrela do Indaiá, como em outros tantos municípios de Minas Gerais e do Brasil, não pode ser considerada tão somente expressão de uma religiosidade católica a despeito de sua vinculação aos santos e às formas de organização sistematizadas pela Igreja (as irmandades ou associações de congadeiros, as procissões, a liturgia instituída no âmbito das ações pastorais). Podemos dizer que a congada constitui ocasião oportuna para a incursão pastoral católica no universo simbólico de uma religiosidade popular assentada em valores afrobrasileiros que tendem a escapar ao controle estrito da Igreja. São repletos de “atos mágicos que permitem ao fiel interceder, em benefício próprio, junto às divindades dispensando a mediação de um sacerdote”. Suas promessas e oferendas “colocadas junto à imagem de santos e santas, comidas, bebidas ou objetos (como rosas e água benta)” estabelecem uma relação de troca ou negociação entre santo e devoto como “parte do conhecimento popular que permeia essa relação com o sagrado”. (COSTA, 2006. p. 47).

Mas qual é a história destas práticas culturais específicas da Festa de Nossa Senhora do Rosário em Estrela do Indaiá? Como se construiu a relação entre a congada e a paróquia de Estrela do Indaiá? É o que abordaremos a seguir.

Como a festa da Congada chegou a Estrela do Indaiá?

Os registros mais antigos da existência da congada no Brasil remontam à festa de Nossa Senhora do Rosário, no Recife, em 1674 (SOUZA, 2002, p. 268). Em Minas Gerais, o primeiro terno de congada teria sido levantado em 1747, com Chico Rei sendo considerado o primeiro rei Congo (FRANÇA, 2011, p.9). No Rio de Janeiro, os primeiros registros são de 1748 e em Salvador, em 1760. Nos desfiles, havia imagens e homenagens aos santos protetores dos negros cuja devoção era, além de N. S. do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Santo Antônio Preto (WEHLING e WEHLING, 1994, p.248). Verdadeiras encenações públicas a demarcar e subverter lugares sociais e políticos na mistura de corpos negros, brancos e indígenas expressando-se pela sua dança, cantos, batuques, vestimentas, narrativas, gestos, símbolos, que fazem parte, ainda hoje, das tradições de Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e de alguns estados do nordeste. Em Minas Gerais, especificamente, segundo levantamento de Nery (2007), ocorrem contemporaneamente mais de trezentas festas similares à festa do Rosário de Estrela do Indaiá. Mas como ela chegou até Estrela do Indaiá?

A tradição oral consolidou o fato de que a festa de Estrela do Indaiá tenha se iniciado em 1920, com o surgimento dos ternos Moçambique e Catupé⁶. Teriam sido ajudados a realizar a festa por ternos de Dores do Indaiá que também trouxeram seus dançantes, num intercâmbio que continua até os dias de hoje. Embora estejamos de acordo com a afirmação de Lucimar Martins Pereira de que “a festa veio de Dores do Indaiá” (PEREIRA, 2020), e não de Serra da Saudade (que àquela altura ainda era um canteiro de obras da Estrada de Ferro Oeste de Minas), acreditamos que em 1920 a congada não era uma completa “novidade” para o povo de

⁶ Através do cotejamento de informações de depoimentos orais, dos livros de Tombo da Paróquia de São Sebastião, dos Estatutos e das Atas da Associação da Congada de Estrela do Indaiá foi possível identificar que, ao longo destes cem anos de organização da Festa de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia de Estrela do Indaiá, existiram pelo menos 14 cortes ou ternos de Congada, aqui apresentados em ordem de criação: 1) Moçambique (1920); 2) [Congo] Catupé (1920); 3) Contra Dança (1920); 4) Congo Real Penacho (1928) [e Penachinho, 1982]; 5) Congo Liso (+/-1960?); 6) Marujos [Congo Marujo] (entre 1980-82); 7) Congo Sereno (1986); 8) Estrela de Ouro (1988); 9) [Congo] Pena Verde (1989); 10) Gaita Dourada (1989); 11) Caixinha de Bombacho (2008); 12) Rosário de São Benedito (2010); 13) Congo Vilão (2016); 14) Penacho de São Sebastião (2018). Alguns mudaram seus nomes, outros deixaram de participar da festa por algum tempo e ainda outros ficaram pelo caminho. Destes últimos, temos poucas informações. Os estudos até agora feitos sobre a congada de Estrela do Indaiá têm privilegiado a descrição dos cortes ativos na época dos estudos e tendem a esquecer dos que não continuaram. A tendência de descrever a festa, mais do que contar a sua história, ocorreu provavelmente pela dificuldade de fontes seguras do ponto de vista cronológico, uma vez que se basearam em depoimentos orais que seguindo a tradição são, antes de tudo, atualizações da memória. (Cf. SOUSA [2008]; MOURA, 2012, REGISTRO, 2018).

Estrela do Indaiá. Afinal, os habitantes do então chamado Distrito de Estrela mantinham relações muito próximas com Dores do Indaiá, a sede do município. É provável que, bem antes de 1920, alguns de seus habitantes já tivessem participado da congada de Dores do Indaiá, organizada pela sua Irmandade do Rosário havia já 88 anos.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Dores do Indaiá foi fundada ainda em 1832 e em 1844 seus membros já idealizavam a construção da primeira capela do Rosário que era coberta de capim e localizava-se fora do perímetro urbano. Tratava-se de uma capelinha pobre e humilde. A construção da igreja teve como incentivador o Padre Belchior Rodrigues Braga que, segundo relatos do livro de Tombo da Paróquia de Sebastião de Estrela do Indaiá, foi também o vigário responsável por celebrar a primeira missa do Cemitério de Estrela, por volta de 1868. Durante o século XIX, a festa do Rosário de Dores do Indaiá continuou a demonstrar sua força como se pode depreender das arrecadações da Irmandade que, em 13 de março de 1898, deliberou pela construção de uma nova Igreja do Rosário na atual Praça do Rosário.

Evocamos a força e a tradição da festa do Rosário de Dores do Indaiá porque ela pode nos ajudar a compreender porque Dores foi o centro de irradiação das festas dos municípios mais novos, outrora administrativamente a ele subordinados. À época do surgimento da festa do Rosário em Estrela do Indaiá, Quartel Geral, [Serra da] Saudade, Córrego D'Anta, Aterrado [Luz] e Estrela⁷ faziam parte do município de Dores do Indaiá. É legítimo considerar que os moradores destes povoados e depois distritos de Estrela, Serra e Quartel Geral fizessem parte destes festejos, como membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Dores do Indaiá, seja organizando cortes próprios ou participando dos do distrito sede.

Em fins dos oitocentos, os ensaios e as novenas da Congada ocorriam não apenas na cidade, mas também nas fazendas. Segundo a memória de Lanito Rodrigues, capitão do terno Catupé Tamboril, de Dores do Indaiá, a festa de Nossa Senhora do Rosário era realizada em um “rancho de sapé” nas margens do Ribeirão do Jorge [que hoje está localizado em território do atual município de Estrela do Indaiá] antes de ser comemorada na área urbana de Dores do Indaiá (DOSSIÊ, 2012, p.25). Lembranças semelhantes têm os congadeiros de Estrela do Indaiá, segundo os quais, “os ensaios também começavam nas roças e foi chegando pra cidade (...) o pessoal trabalhava mais era nas fazendas” (PEREIRA, entrevista oral, 2020).

Entre 1868 e 1920, portanto antes da organização autônoma da festa em Estrela do Indaiá, os festejos do Rosário já faziam parte da vida dos estrelenses, entretanto subordinada à organização da Irmandade de Dores do Indaiá. No início do século XIX, na região entre o rio Paranaíba e o São Francisco já se dançava o congo e se louvava Nossa Senhora do Rosário. No ano de 1847, por exemplo, “já existe evidência concreta do Congado” (BRASILEIRO, 2001, p.17) no distrito de São Francisco de Chagas (Francisco das Chagas do Campo Grande, atual Rio Paranaíba que, em 1920, ainda pertencia a São Gotardo, vizinho do município de Dores do Indaiá). A Congada desta região era formada por “grupos pequenos, constituídos de oito a doze dançadores” (Idem), a composição dos ternos era majoritariamente de homens negros (SILVA apud MOURA, 2012, p.128) e tinha como instrumentos principais, segundo a descrição de Jeremias Brasileiro, tambores, reco-recos e pandeiros “para os Congos e as caixas, conta de lágrimas e sementes dentro de pequeníssimas cabaças amarradas acima dos tornozelos ou servindo às mãos como chocalhos agitados pelos moçambiqueiros ou ainda os tamborins confeccionados pelos catopés” (BRASILEIRO, 2001, p.17).

A organização independente da congada de Estrela do Indaiá começa efetivamente no ano de 1920, levada à frente por pessoas como Pedro Januário, José Pedro de Faria, José Grilo, Tibúrcio da Onça, Zé da Juventina. O gosto pela congada e a devoção a Nossa Senhora do Rosário não adveio dos fazendeiros escravocratas de nomes conhecidos⁸ envolvidos na doação do patrimônio a São Sebastião, onde se ergueu o Cemitério de Estrela – o antigo nome do distrito-sede e aos quais os livros dos memorialistas locais rendem homenagens póstumas (SILVA, 1966; SOUZA, 1985; SOUZA 1986). Foi obra de mulheres e homens livres ou libertos anônimos que, sem a propriedade da terra – um direito retirado com a Lei de Terras de 1850 –, recorreram ao terreno do Santo e fizeram crescer o povoado do Cemitério da Estrela, muito além das casas domingueiras dos fazendeiros abastados. Foi esta gente que cultivava um catolicismo popular, que recorria aos santos como a quem trata com um compadre, que juntava, confundia ou adaptava as referências dos ensinamentos cristãos com as crenças indígenas e africanas que acolheu a Congada e o culto do Rosário. Primeiro através da Irmandade do Rosário de Dores do Indaiá, fomentada pela própria Igreja Católica.

⁷ A emancipação de Estrela do Indaiá se deu em 27 de dezembro de 1948, pela Lei Estadual n. 336 e foi instalado em 01 de janeiro de 1949.

⁸ Antônio de Souza Fernandes, Cristiano Ribeiro de Souza, Frederico Ribeiro de Souza, Manuel José Rodrigues, Joaquim José Palhano, Tobias Jorge, José Jorge da Silva e outros. (Cf. BARBOSA, In. SOUZA, 1986, p. 4).

A Igreja e a Congada: discutindo a relação

O fervor religioso da população de Estrela dos anos 1920, não passou despercebido à Igreja Católica que há pouco tinha criado o Bispado do Aterrado, em julho de 1918⁹. Menos de onze anos depois, em 09 de março de 1929, através do Decreto n. 28, da Cúria Diocesana criou no Distrito de Estrela a Paróquia de São Sebastião de Estrela do Indaiá, que já tinha o seu patrimônio constituído desde o século XIX.

Foi nomeado primeiro vigário da nova paróquia o Padre João Batista Braga (1881-1932), também um dorense de nascimento como muitos dos pais fundadores da Congada de Estrela. Quando chegou, em 1929, segundo as palavras do Pe. César Alves de Carvalho que elaborou uma pequena biografia do pároco: “se fez escravo dos pobres fiéis até então desconhecedores de todas as verdades e disciplinas da igreja” (CARVALHO, 1941, p. 6).

Dentre as verdades referidas e as disciplinas desejadas (mais pelo biógrafo do que pelo biografado), estava a tentativa de regulação das festividades da Congada que já aconteciam no Distrito antes da sua chegada. Isto porque a festa do Congado era um evento popular de diversas influências culturais e com forte sincretismo religioso que incomodava à Igreja empenhada em combater as práticas desviantes da doutrina católica.

Se no século XIX, padre Belchior Rodrigues Braga era um fomentador das obras da Irmandade do Rosário de Dores do Indaiá, seus colegas de batina da primeira metade do século XX não foram tão entusiastas com as festas do Rosário. Muitos párocos proibiram a realização dos festejos em diversas paróquias da região, seguindo as orientações superiores da Igreja. Segundo a interpretação posterior de D. Eurico dos Santos Veloso (1999) a justificativa das proibições na Diocese, na década de 1930, eram os “abusos” cometidos durante as festividades, que afastavam o povo da religiosidade católica. Os “desmandos morais, envolvimento de partidos políticos, da maçonaria e muitas outras irregularidades contrárias aos princípios cristãos e à religião católica” (VELOSO, 1999, p.1). O primeiro Bispo do Aterrado, Dom Manoel Nunes Coelho, chegou até a ameaçar os congadeiros de excomunhão.

Os conflitos e a incompreensão dos pastores da igreja para com os festejos espontâneos do povo não são específicos da história Paróquia de São Sebastião de Estrela do Indaiá e da Diocese do Aterrado. Estiveram ligados às orientações mais amplas da Igreja Católica adotadas no início do século XX durante o chamado processo de romanização¹⁰. Tais diretrizes só começaram a ser revistas após o Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962/1965) que deu início à abertura da Igreja para as manifestações católicas populares.

Até lá, a Igreja combateu com vigor as práticas “mágicas” consideradas pagãs de origem africana e indígena, bem como aquelas remanescentes do catolicismo rústico português desprovido dos rigores dogmáticos pregados pela Igreja. Catolicismo marcado pelo fervor familiar para com os santos, o culto devocional e festivo com manifestações exteriores (festas, atos de rua, procissões, performances) promovidas pelas irmandades, com pouca participação dos representantes do clero (GAETA, 1997) e nem sempre atenta à hierarquia e à liturgia da Igreja. Aconteceu em Estrela do Indaiá o que ocorreu em outras tantas paróquias brasileiras: sentindo-se desobedecidos ou ridicularizados pelos dirigentes dos ternos, os párocos procuravam controlar as festas ou proibi-las.

Em agosto de 1941, cinco meses após assumir a Paróquia de Estrela do Indaiá, o Pe. César Alves de Carvalho registrou como tinha sido a Festa do Rosário daquele ano.

No dia 14, à tarde, assistimos à elevação do mastro com o quadro da Virgem. O chamado Congado do Rosário estava presente, composto de 4 divisões [os quatro ternos considerados hoje como de linhagem, Moçambique, Catupé, Congo Real Penacho e Contra Dança], procurando com suas cantigas e sons divertir aos curiosos e gozar alguns dias de vida folgada e mundana. Não tiveram esses dançantes nenhuma união com os ofícios religiosos e mesmo separadas suas atividades estavam dependendo da polícia local, sem nenhuma animação do pároco. No dia 15 [de agosto], ao surgir o dia barulhento e movimentado, todos pareciam viver a máxima alegria. Contudo nas duas missas celebradas pelo pároco às 7 e às 10 horas, poucas foram as Confissões recebidas e poucas assistências a tão Santos atos. (...) Segundo o costume dos entendidos, os dançantes do Congado deviam terminar suas festas com a despedida ao pároco, pelo que no dia 16 à noite todas as divisões do Congado do Rosário reunidos à porta da casa paroquial dançaram e cantaram e se despediram conforme o costume. O pároco agradeceu todas as delicadezas dos chefes e súditos e aproveitando da ótima oportunidade, descreveu aos presentes

⁹ Por meio da bula “*Romanis Pontificibus*”, de 08 de julho de 1918, o Papa Bento XV criou a Diocesis Aterraddensis, com sede no antigo Arraial de Nossa Senhora da Luz do Aterrado, distrito do município de Dores do Indaiá/MG.

¹⁰ No Brasil, o chamado processo de romanização da Igreja Católica teria se iniciado na segunda metade do século XIX, com as ações dos “bispos reformadores” e se consolidou com o predomínio das políticas e das práticas pastorais romanizadoras durante a primeira metade do século XX, estendendo-se até a Teologia da Libertação, como desdobramento das decisões do Concílio Vaticano II, na década de 70⁹. (cf. MARIN, 2001, p.150). O termo *Romanização* tem sido evocado por autores liberais desde a publicação da *História de Roma* de Theodor Mommsen (1854-56) para se contrapor ao que Roger Bastide definiu como uma “igreja romanizada”: a) que se afirma como uma Igreja institucional e hierárquica (episcopal), combatendo as variações populares do catolicismo; b) o controle da doutrina, da fé, das instituições eclesiais e da educação do clero e do laicato; c) a subordinação da Igreja brasileira às ordens de Roma com a presença de padres estrangeiros (europeus) principalmente de ordens e das congregações missionárias, para realizar “a transição do catolicismo tradicional e colonial ao catolicismo universalista, com absoluta rigidez doutrinária e moral” (BASTIDE, 1951, p.341)

a razão destas manifestações pagãs, sua origem no Brasil em Ouro Preto no século XIX, e concistou a todos reconhecerem a verdade das coisas e a inutilidade do ridículo dessas danças do Congado. Despediu dando a todos uma bênção com votos de feliz compreensão das verdades da Santa Igreja (CARVALHO, 1941, p. 7).

Este é o mais antigo registro escrito da dinâmica da festa do Congado de Estrela do Indaiá, segundo a visão de um pároco que, afinado com as orientações gerais da Igreja Católica, demonstrava sérias restrições aos festejos. Documento valioso para reconstituir a história da congada de Estrela do Indaiá, mas também para acompanhar a modificação das percepções da Igreja Católica em relação à religiosidade popular nestes 100 anos da Congada de Estrela.

Desde então, foram muitos os conflitos entre os organizadores da festa e os párocos em relação a temas que aparecem sutilmente nesta primeira descrição da festa e ainda hoje são motivo de preocupação para os organizadores do evento: as bebidas alcoólicas, os sons (ou o barulho, segundo a percepção do pároco); as formas de sociabilidade extravagantes (as brigas, os excessos, “a máxima alegria”); a dificuldade de estabelecer quem tem autoridade para gerir a festa, se os líderes tradicionais (capitães, fiscais, reis e rainhas) os párocos, os políticos locais afoitos por impulsionar seu capital político, etc. Isto leva à resistência em seguir as diretrizes da paróquia desde a programação, tensões na realização e prestação de contas, quando tende a prevalecer o “costume” do lugar e não a vontade do pároco, subordinado à hierarquia rígida da Igreja.

Pe. César Alves de Carvalho personifica bem as mudanças na forma como a Igreja Católica interpretou a festa e enfrentou os desafios dessa relação, durante o século XX. Primeiro com animosidade, depois com entusiasmo. Em 1941, sem “nenhuma animação do pároco” em relação à festa do Rosário, classificou os festejos como “mundanos” e as danças do Congado como inúteis e ridículas. Embora registrasse ter sido tratado com delicadeza pelos congadeiros, com esta avaliação negativa, não é de se admirar que os dançantes não tivessem “nenhuma união com os ofícios religiosos”. Quarenta anos depois, entretanto, já em sua segunda estada à frente da paróquia, não economizava elogios públicos à festa de agosto de 1985, em texto publicado no jornal *Estrela do Indaiá*:

as festividades do Rosário com o Congado é sempre a festa do povão. São tantos os que vêm de fora e tantos os admiradores do congado que dão novo aspecto à cidade e muito serviço às famílias. Neste ano parece que em todos os ternos de dançantes o número deles foi maior. Todos bem apresentados, com suas fardas bonitas, com bom gosto. Os reis também foram muitos, dando muita oportunidade de muita gente comer e beber à vontade. Na Igreja, ainda com aquele cheirinho de óleo novo, pela reforma ultimamente recebida, todos se sentiam felizes e satisfeitos durante as cerimônias religiosas. (...). A missa da tarde foi concorrida. (...). Os dançantes do Congado se alegraram e alegram as ruas (...) tudo com muito movimento pelas ruas, como nas solenidades. (CARVALHO, 1985, p.1).

Reconhecendo a festa do Rosário “com o congado” (a distinção aqui é significativa), como festa cristã, o Cônego César agora parecia mais aberto à tarefa de dinamizar as manifestações religiosas do povo em sua ação pastoral. Uma de suas ações concretas neste sentido foi envolver-se ativamente na criação da Associação da Congada da Paróquia de São Sebastião de Estrela do Indaiá, nos anos 1980, remontando a uma prática que vinha desde as quinhentistas confrarias que tinham em África e no Brasil, a presença atuante do Clero.

O aprendizado de como se relacionar com a religiosidade popular, no entanto, não foi fácil. Muitas vezes o pároco entrou em conflito direto com os congadeiros que resistiam às tentativas da igreja de regular e regulamentar os festejos. As armas que tinham disponíveis eram: a desobediência, a zombaria e as fofocas (segundo a avaliação do Padre). Diante da dificuldade de implantar as restrições à festa segundo as orientações superiores, em 1944, Pe. César recorreu ao Bispo Diocesano contra as incompreensões, “boatos e mentiras que então corriam de boca em boca” ao seu respeito. O Bispo que, à época, via a congada como um verdadeiro “insulto e uma injúria para a liturgia católica” (A CATEDRAL, 1941. p.2), respondeu-lhe reafirmando o posicionamento da igreja referindo-se à Congada como “profanidades” cuja insistência levaria à “proibição por completo da festa de N. S. do Rosário, nas paróquias onde não se puder fazê-la como prescreve a Liturgia”. Entendia que a festa como anarquia, paganismo, “torpe orgia”, “hodiendo bachanal” e terminava confessando que não entender como “um povo religioso e devoto não compreende isto, que estas exhibições de paganismo afastam as bênçãos de N. Senhora de todo o povo porque este com *as esmolas que concorre festeja não a Ela, mas o seu eterno inimigo, o demônio*” (COELHO 1944, p.20-21).

As orientações firmes do Bispo mostram o estado conflituoso entre a Igreja e a Congada, na década de 1940. Tais orientações eram muito diferentes, por exemplo, daquelas que Dom Eurico dos Santos Veloso enviava às paróquias já no final do século XX, norteando os padres a reconhecerem “a ação do Espírito de Deus que atua nessas expressões culturais como sementes do Verbo”. Convidava os sacerdotes a deixar-se “ensinar por eles” [os congadeiros], aprendendo o significado dos seus “símbolos, seus costumes, sua linguagem, suas festas, sua música, suas danças” a fim de evangelizar com e por meio deles. Reconhecia que a congada é “cultura religiosa; é fé católica dentro de uma realidade muito concreta”. É cultura popular que deve ser preservada e protegida, lançando para a

Igreja a tarefa de “assumir cada vez com mais intensidade, um povo que em sua religiosidade, é cristão e eclesial”. (VELOSO, 1999, p.2).

Quando retornou a Estrela do Indaiá (1969-1989), já num outro contexto, o agora Cônego César Alves de Carvalho, encontrou equilíbrio entre as demandas da Igreja e as do Congado. Em seus registros se mostrava bem mais entusiasmado, reconhecendo na Festa do Rosário, com o Congado, uma “grande tradição da paróquia”. Na festa de 1973, dava notícia das “novenas e da dança do ‘reinado’” que ocorreu por mais dois dias, “terminando com a descida do mastro no dia 21 de agosto” (CARVALHO, 1973, p. 9). Sua descrição agora era isenta de julgamentos depreciativos, num tom bem diferente dos registros anteriores. Os tempos já não eram mais os mesmos. O padre que outrora se mostrava combativo com as religiosidades populares, agora nutria certa simpatia pela Congada. A Igreja, “que foi uma das fundadoras da povoação” (Idem. p. 10.) de Estrela, através do patrimônio de São Sebastião, já não impedia a realização da Festa.

Esta aparente harmonia entre a Igreja e o Congado, na verdade, escondia ainda algumas diferenças históricas que envolvem referenciais religiosos e culturais diversos. Tais diferenças entre a Igreja e o Congado em relação à festa do Rosário continuaram presentes nos registros da paróquia. Em 1981, o pároco se ressentiu de que a Festa do Rosário não ocorria no mês de Nossa Senhora do Rosário, ou seja, no mês de outubro, mas em agosto. Começou no dia 15 com “Muita gente de fora e muito movimento social, mas pouco movimento de piedade. Prolongou-se até o dia 17, com a descida do mastro e passagens das coroas. (...)” Durante o sermão, o vigário falou do respeito devido ao cemitério, uma vez que “tem havido (...) lá feitiçarias e cultos extravagantes”, sugerindo “evitar estes abusos (...)” (CARVALHO, 1973, p.77).

Em fins do século XX, a relação da Congada com a Igreja alcançou outro patamar de reconhecimento. Em 1998, Padre Dimas registrou no livro de tombo que a abertura da festa tinha contado com a “presença do nosso Bispo Dom Eurico dos Santos Veloso e os padres da forania Pe. Antonio Carlos, Mons. Wellington”. (CARVALHO, 1998. p.106). Desde então, passa a ser usual a presença dos bispos, na abertura da festa do Rosário, em demonstração do reconhecimento de sua importância para a Igreja.

Apesar a boa impressão deixada em Estrela, a festa da comunidade do Baú, também organizada pela Associação da Congada de Estrela do Indaiá, em setembro do mesmo ano, “teve muito barulho dispersando a participação da comunidade” durante a celebração. Este, a propósito, é um dos motivos seculares para o conflito entre a Igreja e a Congada na Festa do Rosário. O “barulho” que incomoda aos padres, ou os diversos sons da congada com seus tambores e cantos que denunciam que o clero e a congada aprenderam a estar juntos em agosto de cada ano, mas têm visões diferentes, por vezes inconciliáveis, sobre o que seja a festa e de como se deve louvar Nossa Senhora do Rosário.

Há outros pontos divergentes entre a igreja e a congada em relação à organização da festa que reforçam a existência de pelo menos duas concepções diferentes do que seria festejar. Por exemplo, as sucessivas tentativas de controle da venda e do consumo de bebidas (pelo menos, durante a celebração da missa), o que nem sempre apresenta resultados efetivos¹¹. O livro de Tombo e as Atas da Associação da Congada estão repletos de registros sobre as tentativas de coibir estas práticas proibindo os barraqueiros de vender e os dançantes de consumir. No entanto, são pouco eficazes como se pode depreender dos diversos casos de suspensão e reincidência de dançantes por consumo de bebida alcoólica durante a festa. Parece-nos que o festejar, a bebida e o “barulho” são elementos fundamentais para alcançar o entusiasmo da festa.

Embora capitães, fiscais, diretoria e pároco tentem incansavelmente conter tais ímpetos e excessos, parece haver algo que escapa à racionalidade da organização, algo que suspende o tempo-espácio cotidiano e as normas sociais que são relativizadas nos três dias de festa, entre o levantamento e a descida do mastro. A perda do controle de si, o excesso, parece-nos uma tentativa de também buscar a experiência do sagrado que poderá remontar a religiosidades ancestrais estranhas ao cristianismo e a nossa própria compreensão de festa religiosa. São práticas residuais, mas não são aspectos menores da festa porque representam pontos de tensão que compõem a dinâmica da festa e ainda hoje preocupam congadeiros e párocos.

Desde as primeiras devoções dos negros em Portugal, na África e no Brasil, as irmandades têm reconhecido Nossa Senhora do Rosário como sendo a origem do congado, mas o culto do Rosário e o universo cultural da congada não se resumem um ao outro. Eles se (des)encontram em muitos aspectos. O culto ao Rosário surgiu na França, no começo do século XII, com Domingos de Gusmão e quatro séculos depois se tornou símbolo da luta dos católicos contra os infiéis. E só então se popularizam e se disseminam como estratégias de conversão. (Cf. SIMÃO, 2010, p.28). É a adesão dos africanos livres ou escravizados ao culto e à organização das irmandades que resignifica a festa trazendo outras formas de imaginação, dança, ritmos, ritos,

¹¹ “Pedi a comissão da festa, em especial a Assembleia [e ao capitão mor] que fizessem um contrato com os barraqueiros e que neste contrato constasse que não poderia ser vendido bebida na festa durante a celebração da santa missa, mas isso foi ignorado e as bebidas foram vendidas”. (SOARES, 1973. 1998. p.106).

religiosidades. Não por acaso, Congadeiros e o Clero, não raro, vivenciam e evocam as memórias da Festa do Rosário de formas diferentes, e vivem-na diversamente, embora se encontrem no mesmo espaço-tempo para louvar Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.

Considerações finais

Desde 2018, as celebrações da Festa do Rosário de Estrela do Indaiá estão registradas como patrimônio cultural imaterial do Município. A festa é reconhecida como “celebração tradicional, comunitária, rica em elementos culturais diversos e peculiares à história da cidade [do município, de Minas Gerais]”. Desde 2019, figura entre as festas inscritas no programa de ICMS cultural do estado de Minas Gerais, reconhecida como “um legado histórico”, herança legítima dos estrelenses, a ser preservada como “elemento identitário da cidade” (REGISTRO, 2018:78).

Assim, a festa de Nossa Senhora do Rosário de Estrela do Indaiá completa seu centenário reinventada como evento turístico e como bem cultural (re)significado pelas políticas contemporâneas de patrimônio orientadas por uma consciência histórica preservacionista. Este processo ampliou também a consciência histórica da comunidade de Estrela do Indaiá, promovendo um deslocamento de sentido da festa como prática cultural e religiosa afrobrasileira (reconfigurando o compromisso de uma linhagem de descendentes de africanos escravizados), para herança legítima de todos os municípios. Diante do reconhecimento do valor cultural da prática religiosa da congada, seu potencial econômico, turístico e fiscal reconhecido, a questão que se coloca tanto para os congadeiros, como para os historiadores é se, nesse deslocamento de sentido, haveria o apagamento, ou escamoteamento (esquecimento gerido) de alguns aspectos fundamentais e inconciliáveis desta tradição com a nova configuração, sejam eles de corte religioso, étnico, econômico, social ou cultural.

Não questionamos os benefícios do reconhecimento social da congada como manifestação cultural legítima de Estrela do Indaiá, de Minas Gerais (e do Brasil). A salvaguarda é uma conquista. Mas nem todos os congadeiros estão seguros com as transformações decorrentes da ampliação da festa e, não raro, ressentem-se da modificação das formas tradicionais de se fazer a festa.

A questão que ultrapassa os limites deste artigo é: não caberia também ao historiador fiel à sua postura questionadora, interrogar aos efeitos práticos das construções discursivas do patrimônio cultural, atentando para o sentido político do deslocamento de sentido (da história vivida, às tramas da memória e à gestão do patrimônio)? A festa que ocorre desde pelo menos 1920 onde hoje é o Município de Estrela do Indaiá-MG é realmente herança legítima de todos? A religiosidade, a simbologia, as lutas de sobrevivência e resistência que fizeram da festa do Rosário uma manifestação cultural afrobrasileira poderão ser tomadas como herança legítima de grupos historicamente privilegiados, cultivadores de outras heranças legítimas (doras) a fundamentar direitos e privilégios sociais atuais?

O potencial turístico e econômico da festa enunciados nos discursos de patrimonialização têm o condão de fazer esquecer os sofrimentos, perdoar as violências, superar as desigualdades sociais e os conflitos de raça, gênero e classe, envolvidos na memória e na história daquela festa? Ao mesmo tempo em que o processo de registro representa uma oportunidade de reflexão sobre a história da festa em suas contradições e atende a demandas de visibilidade e reconhecimento, o resultado prático da generalização flerta com a conciliação que exige uma dose de apagamento desses conflitos, numa verdadeira gestão do esquecimento como pressuposto de um novo pacto social de reconhecimento político identitário que considera a festa do Rosário como um bem de todos. Entretanto, é bom lembrar, a Congada de Estrela do Indaiá é uma festa da cultura negra, ato de resistência religiosa frente à conversão catequizadora pelo culto do Rosário de Maria. Nesse sentido, a organização comunitária da Congada é um ritual de memória da resistência à escravização.

Do ponto de vista estritamente histórico, sabemos que os congadeiros de ontem quase nada têm em comum com os de hoje. No entanto, nas linguagens da memória e no enleio da tradição, as lutas políticas contemporâneas sugerem que muita coisa ainda (re)liga os congadeiros do presente aos do passado.

Referências

Fontes:

A CATEDRAL, NOSSAS FESTAS E A CARTA DE OUTRO MUNDO. **A Luz**. Órgão Católico do Bispado do Aterrado. Cidade de Luz- MG, 26 de out. 1941. p.2.

Atas da Associação da Congada de Estrela do Indaiá. 4 livros.

CARVALHO, Con. César Alves de Carvalho. **Livro do Tombo da Paróquia de São Sebastião**. Estrela do Indaiá. Livro 1 aberto em 29 de jun. 1929. [1941].

_____. **Livro do Tombo da Paróquia de São Sebastião**. Estrela do Indaiá. Livro 1, 1971.

CARVALHO, Con. César Alves de Carvalho. **Livro do Tombo da Paróquia de São Sebastião**. Estrela do Indaiá. Livro 2 aberto em 1º de janeiro de 1973.

- _____. **Livro do Tombo da Paróquia de São Sebastião**. Estrela do Indaiá. Livro 2 aberto em 01 de jan. 1973. 1983.
- _____. **Livro do Tombo da Paróquia de São Sebastião**. Estrela do Indaiá. Livro 2 aberto em 01 de jan. 1973. 1985.
- COELHO, D. Manoel Nunes. **O Bispado de Aterrado**: Dados Históricos e Estatísticos de todas as suas Paróquias, com ilustrações. Luz-MG: Tipografia Diocesana, 1941.
- _____. Carta de 18 de outubro de 1944. Livro do Tombo. Paróquia de Estrela do Indaiá.
- DOSSIÊ de Registro do Bem Imaterial Festa de Nossa Senhora do Rosário Dores do Indaiá- MG. Prefeitura Municipal de Dores do Indaiá: Conselho Municipal do Patrimônio Histórico. 2012. Pasta Quadro VI.
- ESTATUTO da Associação da Congada de Nossa Senhora do Rosário da Paróquia de São Sebastião Estrela do Indaiá. Diocese de Luz. Minas Gerais. Estrela do Indaiá, 1987.
- ESTATUTO da Associação da Congada de Nossa Senhora do Rosário Paróquia São Sebastião – Estrela do Indaiá. 27 de março de 2017.
- FRANÇA, Cecília Cavaleiri; POPOFF, Yuri. **Festa mestiça**: o congado na sala de aula. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
- NERY, Vanda Cunha Albieri. Dançadores da Fé: processos comunicacionais e simbologias no Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos: 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.
- PEREIRA, Lucimar Martins. Entrevista oral gravada concedida a Pe. Carlos Alexandre Ferreira Chaves e José Roberto Camargos Junior. Estrela do Indaiá. 12 de jan. 2020.
- REGISTRO da Festa de Nossa Senhora do Rosário Patrimônio Imaterial. Estrela do Indaiá: Prefeitura Municipal de Estrela do Indaiá, 2018.
- SILVA, Ágata Maria de Oliveira apud. REGISTRO da Festa de Nossa Senhora do Rosário Patrimônio Imaterial. Estrela do Indaiá: Prefeitura Municipal de Estrela do Indaiá, 2018.
- SILVA, Geraldo Antônio da. Depoimento oral concedido a Larissa Moura. In: MOURA, Larissa Geórgia Bráulio. **Vozes da resistência**: tradição, inovação e participação da juventude no congado de Estrela do Indaiá- Minas Gerais. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, 2012.
- SILVA, Joana D'Arc Emilia de Oliveira. Estrela do Indaiá, 06 mar. 2020. Depoimento Oral.
- SILVA, Nayara Frâncis. **Moçambique**. Relato produzido em resposta ao questionário enviado aos ternos pela Comissão Histórica do Centenário da Festa do Rosário de Estrela do Indaiá. Estrela do Indaiá, 2020. 3p.
- SILVA, Octávio. **Memórias de Estrela do Indaiá**. Estrela do Indaiá: Luzes, 1966.
- SOARES, Wander E. **Livro do Tombo da Paróquia de São Sebastião**. Estrela do Indaiá. Livro 2 aberto em 01 de jan. 1973. 1998. p.106.
- SOUSA, Pe. Wagner Assis de (org). **Reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia da Paróquia São Sebastião de Estrela do Indaiá**. Estrela do Indaiá: Paróquia de São Sebastião, [2008].
- SOUZA, José Machado de. **Estrela nova**. Belo Horizonte: Ed. Precisa, 1986.
- SOUZA, José Machado de. **Estrela velha**. Belo Horizonte: Ed. Precisa, 1985.
- VELOSO, Dom Eurico dos Santos. Orientações sobre a relação entre a Igreja e a Congada. **Boletim do Clero – Informativo Geral** (n. 063). 01 de set. 1999.

Bibliografia:

- ALEM, João Marcos. “Apresentação”. In: TOMAZ, Laycer. **Da Senzala à Capela**. Brasília: EdUnB, 2000.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira Editora, 1989.
- BASTIDE, Roger, “Religion and the Church in Brazil”. In: SMITH, T. Lynn, Marchant, Alexander, **Brazil: Portrait of Half Continent**. New York: The Dryden Press, 1951.
- BRASILEIRO, Jeremias. **O ressoar dos tambores do congado** - entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias e disputas (1955-2011). Dissertação de mestrado, UFU 2012.
- BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.
- CAMACHO, Joaquim. **Dom Afonso I**, o Apóstolo do Congo. Jornal de Angola. 23 de Julho, 2019. Disponível em <http://jornaldeangola.sapo.ao/opiniao/artigos/dom-afonso-i-o-apostolo-do-congo>. Acesso em 14 de fevereiro de 2020.
- CANDAUI, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Made in África**: Pesquisa e notas. 5.ed. São Paulo: Global, 2001.

- CORREIA, Stephanie Caroline Boechat. **O reino do Congo e os miseráveis do mar: o Congo, o sonho e os holandeses no Atlântico, 1600-1650.** 213 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, UFF. Niterói, 2013.
- COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da Congada: a renovação do presente pelos filhos do rosário.** Tese de doutorado em Antropologia Social. UnB. Brasília, 2006.
- GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A cultura clerical e a folia popular. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.17, n.34. 1997.
- LUCAS, Glaura **Os Sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá.** Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.
- MANDALA, Sabil Damião. **Ajuda mutua como uma forma de resiliência sócio-ecológica entre as comunidades de agricultura de subsistência no planalto de Marávia-Angónia, Província de Tete-Moçambique.** Disponível em <encurtador.com.br/ACJV4>. Acesso em 10 de jan. 2020.
- MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. **Revista de Ciências Humanas.** Florianópolis: EDUFSC, n. 30, p.149-169, out. 2001.
- MOURA, Larissa Geórgia Bráulio. **Vozes da resistência: tradição, inovação e participação da juventude no congado de Estrela do Indaiá-Minas Gerais.** Viçosa, MG: UFV, Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, 2012.
- SIMÃO, Maristela dos Santos. **As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os Africanos no Brasil do século XVIII.** Tese de mestrado, História da África, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2010.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José C. de. **Formação do Brasil colonial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

Recebido em dezembro de 2020

Aceito em dezembro de 2020